

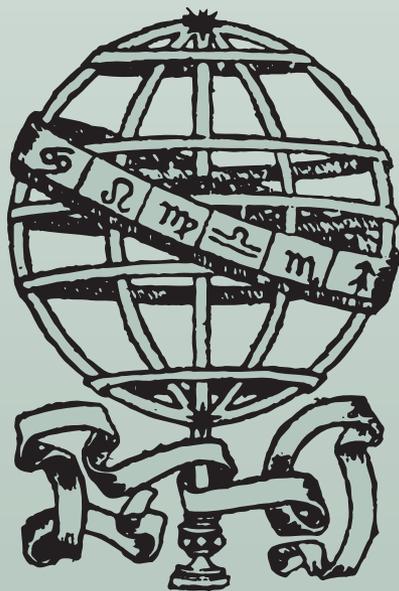
LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

V

(1922-1923)

TOMO I



COLECCÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

EDIÇÃO CRÍTICA
DAS OBRAS COMPLETAS DE LEONARDO COIMBRA

Coordenação científica: ÂNGELO ALVES
Organização, fixação do texto, notas e índices: AFONSO ROCHA
Recolha dos dispersos: JOSÉ CARDOSO MARQUES

*

CONSELHO CIENTÍFICO

ÂNGELO ALVES
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA
ARNALDO DE PINHO
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO
MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DO PORTO
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2009

Título: Obras Completas
Vol. V — 1922-1923
Tomo I

Autor: Leonardo Coimbra

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1677-2

Depósito legal: 216 775/04

ÍNDICE GERAL

<i>Prefácio,</i> por ALFREDO DINIS	9
---	---

OBRAS COMPLETAS
DE
LEONARDO COIMBRA

A tradição e a democracia	25
[Impressões da viagem a Madrid]	37
Sobre la moderna poesia portuguesa	42
[Entrevista sobre a viagem a Madrid]	46
[Abaixo a pena de morte!]	49
A Pena de Morte	55
A Pena de Morte e a estupidez indígena	59
Sursum corda!	62
[Discurso sobre a imprensa e o progresso]	65
O livre pensamento	73
[Discurso no aniversário de <i>A Tribuna</i>]	77
[Discurso na homenagem a Chaby Pinheiro]	80
[O congresso do P. R. P. em Coimbra]	88
O caminho dos ares	91
A consagração dos Heróis	94
Guerra Junqueiro e Leonardo Coimbra	97
O nosso caminho	101
As doutrinas de Einstein, seu valor científico e filosófico	104
«Regresso ao Paraíso»	109
A última greve geral	127
Bibliografia	130
[Discurso de homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral]	134
Bibliografia	139
Do nosso mestre	142
[Discurso de homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Congresso da República]	145
A revolução	148
Esclarecendo	155

A Universidade Popular do Porto	158
Glória a Portugal eterno!	164
Moços de Portugal	165
[Carta de pedido de demissão de ministro]	166
Do Amor e da Morte	169
Do amor e da morte	173
[Carta de renúncia ao mandato de deputado]	214
[Entrevista sobre a questão do ensino religioso]	216
[Entrevista sobre os fundamentos da educação religiosa]	225
[Entrevista sobre a questão do ensino religioso às crianças]	230
O Mistério	237
[Entrevista sobre o conflito entre Homem Cristo e Leonardo Coimbra]	249
Jesus	253
A criação e a queda	255
A saudade no exílio	258
A vinda de Cristo	261
Cristo é a verdade	263
Cristo é a beleza	268
Cristo é a bondade	273
Guerra Junqueiro	283
Prefácio	287
Junqueiro e a morte	288
A obra de Junqueiro	291
A despedida do poeta	308
Guerra Junqueiro	311
Guerra Junqueiro — O poeta de «Os Simples», das «Orações» e	
«O Pensador»	320
O pensamento filosófico	355

APÊNDICE

[Convite para viagem de representação no Brasil]	377
[Conferência em Felgueiras]	380
Entrevista — Confissões dos Ministros da República ao ABC — O que	
diz Leonardo Coimbra	381

TRADUÇÃO

O futuro do pensamento humano	387
<i>Índice onomástico</i>	395
<i>Índice sistemático</i>	399

PREFÁCIO

Os textos que se reúnem no presente volume foram publicados em 1922 e 1923. O texto fundamental é certamente A Razão Experimental, não só pela sua extensão, mas também porque define conceitos e ideias estruturantes do pensamento de Leonardo Coimbra, e que irão aflorar noutros textos que são assim integrados numa estrutura coerente de um pensamento que mergulha no mais profundo da alma humana.

Os textos são de natureza muito variada, abrangendo, pode dizer-se, todas as áreas da vida e do saber humanos.

Leonardo Coimbra pertencia ao Partido Republicano, e participou activamente na vida política do País, quer como deputado quer como ministro da Instrução Pública. De ambos os cargos se demitiu por fidelidade à sua consciência a propósito de uma questão que assumiu para ele uma importância prioritária: a da educação religiosa nos colégios privados, uma prática que tinha a oposição de muitos membros do Partido Republicano. Mas esta não foi a única batalha política que aflora nos escritos dos dois anos a que se referem os textos deste volume. Também questões como a democracia, o livre-pensamento, a pena de morte, etc., mereceram o seu activo interesse. A filosofia, a ciência e a teologia, bem como a literatura, constituem igualmente áreas nas quais o autor se revelou um profundo conhecedor, não como simples erudito, coleccionador de saberes vários mas desconexos, mas sim como um verdadeiro sábio cujas palavras impregnadas de emoção e de experiência exprimem sínteses admiráveis nas quais são convocados o universo, os seres humanos, Deus, a filosofia, a ciência, a política, a arte, a religião. Pode dizer-se que os textos de Leonardo Coimbra lhe fluíam tanto da mente como do coração, enraizados numa metafísica existencial que constantemente procurava o sentido essencial do mundo e da vida.

Uma das sensações que nos acompanham na leitura dos textos incluídos neste volume da Edição Crítica das Obras Completas de Leonardo

Coimbra é a actualidade de muitas das questões a que dedica a sua atenção, tanto na área da ciência, como na da filosofia, na da religião como na da política. Por outro lado, à medida que nos adentramos na obra, vamos descobrindo nela um fio condutor que une todos os textos só aparentemente dispersos: uma visão coerente e dinâmica da realidade, vista como a extraordinária aventura de um universo e de uma humanidade que evoluem para a meta da sua plena revelação e realização, na unidade de todos os seres. Essa meta é o Amor, Deus.

Vale a pena destacar algumas das questões mais significativas tratadas no presente volume.

Laicismo, política e religião. O regime político saído da I República era, como se sabe, fortemente maçónico e anticatólico. A religião católica era a sua inimiga pública declarada, sendo considerada incompatível com os progressos da ciência e com as exigências de uma mente liberta. O laicismo era então, como ainda hoje, um tema de importância fundamental para os republicanos radicais, entrincheirados na pretensa fortaleza de uma ciência que se opõe ferozmente à religião. Leonardo Coimbra repete incansavelmente aquilo que é óbvio, a saber, que não há conflito entre ciência e religião. Por outro lado, não considera que a já referida questão da liberdade do ensino religioso nos colégios privados se trate de uma simples querela superficial ou secundária, nem de alguma mera escaramuça política. Diversos textos neste volume tratam da legitimidade desse ensino, algo que Leonardo Coimbra tomou como uma causa a defender com o preço da sua condição de deputado e de ministro. Com efeito, tratava-se para ele de algo fundamental e irrenunciável, como afirma numa carta a pedir a sua demissão de deputado em Janeiro de 1923, por não ver aprovada a sua ideia de que deveria ser concedida liberdade de ensino da religião nas escolas privadas: «a minha lealdade republicana me obriga a trabalhar no parlamento e em toda a parte por aquela ideia, considerando que não o fazer é trair o verdadeiro espírito democrático, é ignorar os trabalhos científicos da moderna sociologia sobre o valor e essência da actividade religiosa, é mentir à minha consciência de filósofo e ao meu carácter de homem verdadeiro e leal». Já em Dezembro de 1922 pedira ao primeiro-ministro, pela mesma razão, a sua demissão de ministro da Instrução Pública.

Ainda no campo político, conduziu uma luta acérrima contra o projecto republicano de reintrodução da pena de morte. Para Leonardo Coimbra, um tal projecto só poderia ser indicador de uma profunda crise nacional. Por conseguinte, o autor formula sobre o assunto o seguinte juízo: «Às parciais convulsões duma sociedade vai responder a consciência social, a Razão jurídica com um regresso a um passado de horrores. Limpou-se a

justiça portuguesa dessa esteira de sangue e agora a nau da pátria quererá entrar neste mar vermelho, onde a água é sangue e o vento é Desgraça? Parece-me ver uma Pátria de mãos na cabeça, soluçando angustiada, para num cego repelão de raiva acabar as suas atormentadas hesitações.» (Entrevista ao *Jornal de Notícias*, 1922.)

Esta situação do país deveria ser para Leonardo Coimbra tanto mais dolorosa quanto é certo que ele cultivou um profundo patriotismo que o levou a redigir, entre outros, diversos textos de inflamado louvor à proeza atlântica de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Livre-pensamento. *A oposição dos republicanos radicais ao ensino religioso nos colégios particulares baseava-se na exigência do livre-pensamento. O laicismo oficial opunha o livre-pensamento ao dogmatismo religioso. Leonardo tinha, porém, a este respeito, uma posição bem radical. Em entrevista a O Primeiro de Janeiro (1923) afirma que «não há livres-pensadores em Portugal... O livre-pensamento oficial é zero, reconheço-o agora». Segundo os republicanos radicais, o livre-pensamento parecia ser atributo exclusivo dos laicos, uma vez que qualquer espírito religioso estaria inevitavelmente condenado a seguir cegamente os dogmas da sua religião. Para o autor, o livre-pensamento dos republicanos está, porém, ele mesmo, impedido de se libertar de um dogmatismo ateu e materialista. Na mesma entrevista, o autor afirma que «os livres-pensadores portugueses inimigos pessoais dum Deus (que para eles não existe) entendem que só é livre-pensador quem pensar preso à dogmática ateuista e materialista». É talvez este dogmatismo que ele critica acidamente ao julgar o regime republicano então vigente: «vivemos em oco e puro formalismo democrático» (discurso no aniversário de A Tribuna, 1922). Conclui, por conseguinte, que «uma república formalista não pode existir senão como uma monstruosidade precária, prestes a desaparecer» (ibid.).*

O livre-pensamento parece, assim, para os republicanos radicais, opor-se à religião e, por conseguinte, a república de livres-pensadores que pretendia ser aquela em que Leonardo Coimbra viveu estará sempre e necessariamente em conflito com a religião. Este debate continua nos nossos dias, e parece realmente não ter uma solução à vista, porque se baseia num profundo equívoco que o autor claramente desvela numa outra entrevista ao mesmo jornal e no mesmo ano. Para os ateus, afirma ele, «religião é, quanto à crença, um sistema de dogmas imutáveis, quanto à prática, um sistema fixo de ritos seculares» (entrevista a O Primeiro de Janeiro, 1923). Imutabilidade e fixidez religiosas são, para os laicos republicanos radicais, os grandes obstáculos ao livre-pensamento. Este é, porém, um equívoco profundo que permanece ainda hoje. Leonardo desfá-lo facilmente: «nem os dogmas são imutáveis nem estranhos à experiência humana, histó-

rica e metafísica; nem os próprios ritos têm valor por si, mas apenas como pantomima (usando a linguagem de Bergson) de certas atitudes espirituais» (ibid.). Mas o autor vai ainda mais longe, acusando o laicismo republicano ateu e materialista de um dogmatismo baseado num conceito fixista da razão humana, ao qual ele opõe um conceito dinâmico de razão, a que chama «razão experimental»: «só há dois lados no campo de batalha: os partidários do absolutismo, ou da Razão imóvel, e os partidários da Razão experimental» (discurso no aniversário de A Tribuna, 1922). O conceito de Razão experimental permitiu-lhe realizar a síntese das suas ideias nas mais diversas áreas.

Razão experimental. A expressão «razão experimental» resume admiravelmente todo o pensamento de Leonardo Coimbra. Trata-se, por um lado, de uma razão dinâmica, por oposição à razão estática da metafísica tradicional. Trata-se, por outro lado, de uma razão social em oposição à razão individualista do iluminismo.

Partindo destes pressupostos, o autor critica a teoria do conhecimento e da ciência de Kant. Embora reconhecendo-lhe alguns méritos, critica-o fortemente por ter colocado o sujeito no centro do processo cognoscitivo, chamando-lhe «o Ptolomeu da filosofia»: «A Teoria da Ciência terá de ser evolutiva como a própria ciência e em vez de circular em torno do sujeito, na atitude ptolemaica ou antropocêntrica, será antes e, para trás de Kant, copernicana e universalista.» (A Razão Experimental.)

A perspectiva evolutiva constitui um dos elementos fundamentais do pensamento de Leonardo Coimbra. Às tradicionais categorias estáticas da filosofia e do conhecimento em geral, ele contrapõe continuamente a perspectiva dinâmica do pensamento e da vida. Bergson é, a este respeito, um dos autores mais citados, mas tal como acontece em relação a Kant, ele é umas vezes elogiado, outras fortemente criticado. No texto O mistério anuncia em tom dramático: «Vou travar uma guerra contra o grande Bergson.» Bergson é elogiado por ser «o Descartes da psicologia» sobretudo na obra *Matière et Mémoire* (Sobre Guerra Junqueiro), mas fortemente criticado pela sua concepção de tempo em *Durée et Simultanéité*. Leonardo Coimbra afirma discordar desta obra «quase por completo» considerando-a «um equívoco» (Bergson, *Durée et Simultanéité* — À propos de la Théorie d'Einstein).

A seguinte passagem resume de forma admirável o significado profundo da «razão experimental»: «Para a Razão estática o Universo era dado e ao homem nada mais competia que descobri-lo; para a Razão experimental o Universo é uma relação de actividades, e, do elemento atómico de acção às tendências biológicas, à alma e a Deus, vai o caminho cres-

cente da liberdade até à pura Invenção do Amor, que é a Relação das relações, éter de todos os fogos, coração de todos os estremecimentos.» (Contribuição das modernas teorias científicas para uma nova concepção espiritualista do Universo.)

Além do seu carácter dinâmico, a razão experimental tem um carácter social, em oposição à razão individualista da tradição ocidental. Afastando-se do positivismo objectivista, Leonardo Coimbra adopta a concepção construtivista: «a ciência é uma especialíssima e engenhosa criação da função do acordo social». O seu espírito libertário, herdado dos anos em que percorreu os caminhos do anarquismo, aflora continuamente na recusa do autoritarismo e na proposta do livre acordo social, especialmente em ciência, mas também noutras áreas como a religião. Abordaremos a seguir alguns dos temas centrais da obra (A Razão Experimental).

Metodologia científica construtivista. A perspectiva construtivista permitiu a Leonardo Coimbra superar, de algum modo, a aparente dicotomia entre indução e dedução no que se refere à metodologia científica: nem a indução nem a dedução se harmonizam com a perspectiva construtivista do seu sistema. Assim, critica mordazmente a indução de Stuart Mill, a qual, «ao mesmo tempo que é um passeio de amáveis cépticos nos jardins de Epicuro, parece uma pesquisa (de mentalidade burguesa) de pontos sólidos, inabaláveis, para o deslocamento paquidérmico de um raciocínio» (A Razão Experimental). E sobre a dedução não é menos virulento: «A dedução pura é um desengrenar de símbolos que uma máquina faz... Eis porque, sem nenhum respeito pela cabeleira branca da nossa avozinha, a dedução, preferimos falar de construção.» (Ibid.) Afirma então que o verdadeiro método científico não será «nem dedutivo puro, nem indutivo puro, mas hipotético-construtivo» (ibid.). De facto, nem sequer o método hipotético-dedutivo se ajusta bem ao seu construtivismo: «o método hipotético-dedutivo consistiria na posição de axiomas e elementos equivocadamente definidos e dedução dos teoremas e de todo o corpo de ciência. Unicamente esta dedução não é silogística mas sim construtiva, e tanto que, no fim, não se pode dizer que apenas sabemos clara e discretamente o que no princípio sabíamos já condensadamente; mas pode e deve dizer-se que sabemos mais e muito mais» (ibid.). A ciência tende pois a ser «um sistema hipotético-dedutivo (antes hipotético-construtivo), isto é, um sistema de construções a partir duma base de escolhidos axiomas e elementos» (ibid.). Deste modo, Leonardo Coimbra crê ter contribuído para a solução do problema da base empírica da ciência na sua relação com as construções da razão: «nem dedução pura, nem pura indução: uma e outra são abstrações, momentos abstractos do verdadeiro método científico, que é hipotético-construtivo. Assim se resolve o problema da pura

certeza formal e oca da dedução e de pura contingência empírica da simples indução.» (Ibid.) Nota-se aqui, mais uma vez, a recusa do autor em se deixar encerrar nos estreitos e rígidos limites da pura lógica abstracta, para a colocar no contexto das relações interpessoais de construtiva colaboração.

O ser humano. *Contra a corrente do reducionismo materialista, Leonardo Coimbra cedo se deu conta de que «o homem é mais que um simples instrumento testemunha dos fenómenos, é mais que a pura percepção dos gráficos desse instrumento» (ibid.). Uma gnosiologia mecanicista entraria imediatamente em conflito com a sua antropologia. Surpreendemos pois, em passagens tão significativas como esta, o autor a criar pouco a pouco o seu sistema, a elevar-se degrau a degrau em direcção ao templo do verdadeiro conhecimento que acabará por se transformar em sabedoria. Nela, é a pessoa o ser mais excelente da criação, e nenhuma filosofia da ciência pode ignorar este elemento fundamental. Neste sentido, «o homem, de carne e osso existe e é uma realidade mais volumosa que as melhores realidades da ciência. Há que recebê-lo, estudá-lo e aproveitar os valores sociológicos e gnosiológicos da ciência para tentar uma atitude filosófica de síntese, que, sendo de respeito à ciência, obra do homem, seja também de respeito ao homem seu obreiro e criador.» (Ibid.)*

O esforço de edificação de uma síntese que tem na reflexão antropológica um ponto de passagem obrigatório, e que será também ele superado pela religião, não por negação mas por integração, está presente em muitas outras passagens das suas obras, como as que se referem à relação entre filosofia e ciência. Para o positivismo, a filosofia encontra-se numa relação de subserviência em relação à ciência. Porém, o autor interroga-se sobre as vantagens desta situação: «não terá também o vagar filosófico a vantagem de ser mais amplamente humano, guardando realidades humanas, e até cósmicas, que, para mais facilidade de acordo, a ciência pusera de parte?» (Ibid.) E noutras passagens afirma neste mesmo sentido que «o que foi necessário desprezar de humano, e até de cósmico neste humano reflectido pelo espírito da metodologia científica, terá de ser atendido por outras disciplinas, entre as quais se encontrará a filosofia» (ibid.). E ao filósofo atribui um papel fundamental, o de «testemunha do Universo»: «Em dependência quanto às ciências, pois destas terá de receber a melhor luz que a esclareça, é a filosofia o mais alto testemunho sobre o Universo e seu valor. Daí a alta dignidade do filósofo, testemunha do Universo, mais que das construções parcelares, autor das hipóteses sugestionadoras que tantas vezes têm saído da filosofia e servido as novas indagações das ciências.» (Ibid.)

***Liberdade.** A escolha entre teorias alternativas é feita por convenção e acordo social, e nunca por imposição autoritária. Leonardo Coimbra adota neste ponto o convencionalismo de Poincaré, expresso nas suas obras Science et Hypothèse e La Valeur de la Science. A liberdade, que caracteriza o acordo convencional em ciência, constitui um aspecto fundamental do sistema de Leonardo Coimbra. «A ciência», afirma ele, «aspira a um possível acordo universal» (ibid.). E prossegue: «O conhecimento implica o acordo social, como também o requer a justiça. Esta faz-se por leis que são as relações das vontades: o sistema dessas relações é a vontade social. Aquele, o conhecimento, faz-se ainda por leis, que são as relações dos pensamentos: o sistema dessas relações é a Razão. A Razão é, pois, de ordem social... A função do acordo social é, pois, a matriz da Razão, e, se aquela evoluciona, esta terá de seguir-lhe os movimentos. Ora a função do acordo encontrou... uma forma que... chegou até nós imponente e dominadora: é a Ciência.» (Ibid.)*

Mas se é verdade que a ciência tem no convencionalismo social uma forte componente, também é verdade que para Leonardo Coimbra um tal convencionalismo não pode significar a diminuição da liberdade do indivíduo em ir contra a opinião da maioria: «a certeza científica é mais e melhor que a objectividade do acordo humano. Um só experimentador pode sentir-se certo das suas construções que os contemporâneos não entendem e que o futuro aproveitará.» (Ibid.)

O livre acordo que é um elemento fundamental da «razão experimental» não se limita, porém, à esfera da ciência. Ela insere-se num movimento mais vasto e humano, de encontro das almas, um encontro que é não apenas meramente psicológico, mas também espiritual: «O acordo por simpatia, o acordo das nossas sensibilidades pela arte, o acordo profundo das nossas almas pelo amor, não serão realidades que valham tanto ou mais que as realidades científicas?» (Ibid.)

Este acordo, assim ampliado, tem uma meta, uma finalidade, a de tornar possível a unidade plena dos seres humanos e, mais ainda, de toda a realidade. Esta perspectiva evolutiva de carácter metafísico, que supera em muito o biologismo evolucionista darwiniano, aproxima-se do evolucionismo cósmico de Teilhard de Chardin, de que Leonardo Coimbra dificilmente teria ouvido falar, já que este jesuíta não foi autorizado a publicar as suas obras.

Já no «Prefácio» de A Razão Experimental afirmara ele, explicitando a mesma visão evolutiva do mundo e da vida: «Para uma alma ávida, viajar e ler, são duas alegrias iguais: ler é viajar na profundidade e amplidão das almas; viajar é ler nos corações, que se nos aproximam, a mesma ansiedade que em nós levamos, é ver nos olhos dos homens as paisagens de que se alimentam, é encontrar numa mais opulenta diversidade

uma maior e mais profunda unidade. É... apontar como astro remoto um puro Sol espiritual, onde, como raios dispersos, para lá duma lente e convergindo no foco, se casem em amor as diversidades das almas.»

A liberdade não é para Leonardo Coimbra um simples direito cívico, ela é a condição necessária da aventura da humanidade a caminho da unidade no amor, em Deus.

A religião de Leonardo Coimbra. *Embora tenha aderido ao cristianismo na Igreja Católica, a religião de Leonardo Coimbra foi muito além do credo e ritos oficiais, como ele próprio reconhece: «Sem nenhum acto de culto de qualquer confissão, fui sempre uma alma religiosa, no sentido de James, sempre senti que os nossos actos são sérias relações com o Todo ou Universo e não simples anedotas sem peso.» (Entrevista a O Primeiro de Janeiro, 1923.) Parece haver aqui um certo panteísmo que nos faz lembrar a concepção budista da existência humana na sua relação com o Todo universal, no qual os indivíduos perdem a sua identidade. Mas não. O Todo para o qual caminhamos é pessoal: é o Amor, é Deus: «Qual é o denominador comum dos fios do Universo? O Amor! O Amor! O Amor! Essa a Unidade: o Amor, Deus! Deus!» (O Mistério.)*

O mistério é um longo poema, uma abertura do ser à saudade. A visão do ser humano de Leonardo Coimbra ia muito além da esfera da actividade científica ou política. Ele lia nas profundidades da alma humana o lamento de quem chora pelo essencial que lhe falta: «O homem há-de sempre compreender-se como uma saudade de Deus.» (O Mistério.) E é pela via poética que o ser humano se pode aproximar do mistério, acordando nele o desejo do que lhe é verdadeiramente essencial. Trata-se de um desejo saudoso da unidade que une todo o criado entre si e a Deus, numa síntese que de algum modo inclui todo o conhecimento humano, mesmo o de natureza científica: «Compreender é amar, amar é acender o Sol da Unidade na convergência de todos os caminhos das almas.» (Ibid.)

Esta visão de Leonardo Coimbra que abarca cosmologia, antropologia e religião aparece mais explícita na obra Do Amor e da Morte.

O amor. *A obra em forma de diálogo Do Amor e da Morte constitui essencialmente um debate entre uma visão da vida baseada num evolucionismo meramente naturalista e hedonista, e uma outra de natureza metafísica e espiritual. A primeira perspectiva é defendida por um dos três intervenientes no diálogo, Marcos, a segunda pelos outros dois personagens, António e Célio. Embora estes estejam basicamente de acordo, é Célio quem parece exprimir com maior clareza a posição do próprio Leonardo Coimbra, uma vez que é ele também que mais se alonga no diálogo e se exprime com mais profundidade.*

Nesta obra sobressai mais uma vez um dos temas centrais do pensamento do autor, o tema da unidade. A unidade aparece como fio condutor de todo o dinamismo da realidade tanto natural como humana e, simultaneamente, a meta para onde caminham o universo e todos os seres humanos. É por isso que Célio diz a Marcos, apologista da redução do amor ao sexo: «O Amor é tudo o que dizes, mas é também, e é sobretudo, um transcendente apelo à Unidade.» (Do Amor e da Morte.) O amor de que fala Leonardo Coimbra é pois muito mais vasto que os simples afectos humanos, sempre ameaçados de se perderem na voragem do tempo, sem deixarem rasto nem saudade. É o amor que constitui a estrutura ontológica dos seres: «Tudo no Universo significa pelo que possa exprimir de amor, tudo no Universo é alimento espiritual para a fome imortal do amor.» (Ibid.)

Se todo o universo se encontra numa dinâmica evolutiva, também o amor deve inserir-se nesse movimento que não pode ser bem entendido e expresso senão como um abraço universal: «O Amor... pode muito bem ser o crescimento duma alma, que, de relação em relação, quer fechar o magnético abraço que cinge e leva os mundos.» (Ibid.) O amor de que fala o autor pela voz de Célio é então um movimento radicalmente contrário ao autocentramento de que fala Marcos. O amor não fecha os seres em si mesmos num egoísta desfrutar de passageiras sensações. Ele é, pelo contrário, esse movimento que abre os seres uns aos outros, como flores desabrochando num infinito jardim onde a harmonia fala do Éden desejado: «O homem que ama sente o estremecimento da Unidade.» (Ibid.)

Nesta linha, o amor acaba por se identificar com esse anseio de unidade que atravessa todos os fenómenos naturais e humanos em todos os tempos e lugares: «o Universo físico tem uma direcção, sem isso a sua existência era infinitamente improvável ou impossível. Dissolver-me num conjunto mais vasto não me repugna, se aí o melhor de mim mesmo, o meu mais concreto universalismo amoroso, se não vem a perder, se os mais puros movimentos da minha bondade, do meu piedoso amor dos seres, ficarem a estremecer de grandeza, afirmação e vitória. Somente compreenderei então a existência.» (Ibid.) A existência do universo, a existência humana, encontram na meta da unidade a sua explicação última: «O Universo só existe porque a diversidade tende para a Unidade.» (Ibid.)

Jesus. O tema do amor enquanto dinamismo que corresponde a um profundo anseio de unidade, tão presente em Do Amor e da Morte, continua também a ser um tema central nas páginas de Jesus. Este texto começa com a referência ao pecado original como quebra da unidade entre Deus e a Humanidade: «Donde poderia vir a queda? Dum movimento de separatividade ou desamor, da tentativa das almas experimentarem a sua autonomia separando-se de Deus. A criatura, imagem do Criador, tentada

a fazer de si um centro criador de imagens, que renovassem a vida, procurando, em si mesma e no isolamento do Criador, a capacidade de criar. Eis a separação do orgulho, a primeira desarmonia.»

Depois da queda, a humanidade esqueceu Deus, mas a saudade dele, gravada no mais profundo das almas, ansiava por um reencontro, que se realizou em Jesus. Leonardo Coimbra revela em Jesus uma extraordinária sensibilidade humana e religiosa que se manifesta no vocabulário utilizado, todo ele de carácter emocional, e também no modo apaixonado como se refere a Jesus. O autor explora os termos com os quais Jesus se caracterizou a si mesmo: Caminho, Verdade e Vida, acrescentando outros: Beleza, Bondade, Foco, Coração e Centro. As características de Jesus que o autor mais desenvolve são a verdade, a beleza e a bondade, sempre em referência ao recorrente tema da unidade.

«Cristo é a Verdade, porque é a Harmonia.» Como estamos aqui longe da linguagem filosófica e científica sobre o tema da verdade em A Razão Experimental! Jesus é a Verdade porque nele «se encerram os abraços da evolução, reintegrando no Amor e na Harmonia originária as almas e os mundos». A missão de Jesus foi reintegrar na harmonia original o que andava disperso e perdido nos labirintos do mundo, da dor, do pecado: «Cristo é a Verdade porque, sendo o Amor, é a reposição de todas as relações na harmonia originária; [...] A Verdade é a perfeita lealdade de relações, o puro acordo das almas na Unidade do Amor.» A verdade é para Leonardo Coimbra, antes de mais, a verdade da vida, do sentido e do significado da existência do seres humanos que no mais íntimo de si mesmos se sentem como que agitados por terríveis vendavais e devorados por uma infinita saudade de que muitos talvez nem sequer tenham consciência.

Cristo é a beleza: «A Beleza é a unidade na diversidade.» A beleza que os seres humanos encontram repartida pela natureza é a dispersão daquilo que é em si mesma uma só. Por isso, todas as coisas belas não são senão «unidades parciais, fragmentárias e separadas, ficando na silenciosa expectativa da Unidade transcendente que as complete», isto é, Jesus.

Cristo é a bondade: «Jesus é a saudade de Deus e do homem unindo-se num ósculo». Leonardo Coimbra vai enumerando os episódios da vida de Cristo em que ele se debruçou sobre as feridas chagadas dos pobres sem o abrigo e o bálsamo do amor, para resumir em palavras repassadas de afecto e ternura a bondade do Mestre dos mestres: «Cristo realiza a suprema Bondade, ainda com a mesma humildade e sabedoria; fez-se humano, companheiro e amigo, e vai acordando as nascentes eternas por entre os beijos da mais enternecida piedade humana.» Dificilmente se encontraria entre os contemporâneos do autor uma tão grande capacidade de se deixar amar na profundidade do seu ser pela figura de Jesus e de o exprimir em tão humana poesia.